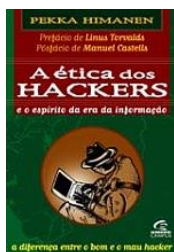


INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

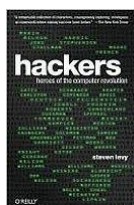
HACKERS, COLABORAÇÃO E ORGANIZING

Orlando Gomes da Silva – Professor da UFCG



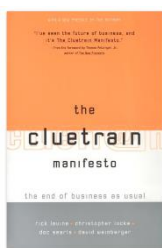
A ÉTICA DOS HACKERS - e o espírito da era da informação. Pekka Himanen. Rio de Janeiro: Campus, 2001, 200 p.

A ética hacker é parte das retóricas de redes como um elemento de resistência às determinações e opressões associadas com as tecnologias. Neste livro, Himanen, um filósofo finlandês, relaciona a ética hacker a um novo espírito do capitalismo na sociedade informacional, classificando-a em três níveis: trabalho, dinheiro e redes, junto com seus respectivos valores dominantes: paixão e liberdade; motivações sociais; ação e cuidado. Trata-se de uma visão apaixonada porém que apresenta uma realidade sobre colaboração neste “novo modelo” de *organizing*. Uma visão baseada no protagonismo do Linus Torvalds, o criador do Linux, que é núcleo do sistema operacional GNU/Linux.



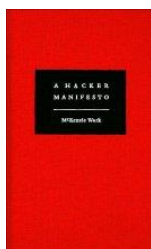
HACKERS - Heroes of the computer revolution. Steven Levy. New York: Penguin Books, 2001, 487 p.

Steven Levy, um jornalista estadunidense, caracteriza os hackers como a vanguarda da simbiose entre o homem e a máquina. Neste livro Levy mostra que o elemento comum entre os hackers é “uma filosofia de compartilhamento, abertura, descentralização e botar a mão na máquina a qualquer custo para aperfeiçoar a máquina e o mundo”.



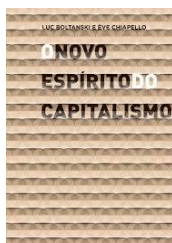
MANIFESTO CLUETRAIN. Christopher Locke et. al. Disponível em: <<http://www.cluetrain.com/portuguese/>>. 1999.

O Cluetrain foi inicialmente um texto online que propunha 95 teses para as empresas interessadas no novo consumidor recém-empoderado pela Internet. O principal por trás das suas ideias era a noção de que os consumidores, agora “em rede”, mudavam o peso da balança no desequilíbrio das relações de poder nos mercados. A perspectiva, otimista e futurista, escrita em 1999, passou a ser considerada por certos grupos pioneiros dos usos da Internet como uma certeza de que a lógica de atuação exitosa a ser adotada em qualquer iniciativa online era a aposta no poder das conversações, das descobertas e das invenções com a Internet. Trata-se de uma apropriação mercadológica da ética hacker.



A HACKER MANIFESTO. McKenzie Wark. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

Nesta obra o autor, doutor em comunicações pela Murdoch University, caracteriza o hacker como um herói anticapitalista, assim como os trabalhos na dinâmica de conflito com o capital. Os hackers se opõem aos novos capitalistas, que são os vetorialistas, devido ao seu enriquecimento e acumulação com base no transporte em velocidade das informações, assim como os vetores na epidemiologia. A classe vetorialista, segundo Wark, é a classe que repôs a capitalista industrial, “seu poder reside no monopólio da propriedade intelectual [...] e nos meios de reprodução deste valor – os vetores de comunicação”.



O NOVO ESPÍRITO DO CAPITALISMO. Luc Boltanski e Ève Chiapello. São Paulo: Martins Fontes, 2009, 701 p.

Neste livro os autores propõem que o capitalismo é um sistema que não possui justificativas morais internas para as suas realizações, por isso necessita de mecanismos de justificação que se apoiem em crenças e ideologias externas, até mesmo em suas origens contrárias ao princípio essencial da acumulação. Isto permite, seguindo a tradição de Max Weber, que falemos em um espírito do capitalismo, que é justamente, nas palavras de Boltanski e Chiapello, “o conjunto de crenças associadas à ordem capitalista que contribui para justificar e sustentar essa ordem, legitimando os modos de ação e as disposições coerentes com ela”. A ética hacker se situa neste caso como a base do novo conjunto de crenças, tendo seu modelo de colaboração como uma das descrições detalhadas na obra.
